

O OLHAR DE MÃES DE CRIANÇAS DE ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA DE CAMPINA GRANDE-PB QUANTO AS RELAÇÕES PARENTAIS

Bianca Silva Araujo (1); Alanna Silva dos Santos (1); Laura Dantas Silva (2); Louise Gabrielle Cardoso dos Santos (3); Ana Cristina Rabelo Loureiro (4)

Universidade Estadual da Paraíba; biapsicologia80@gmail.com; alannacosta55@gmail.com; lauradsfc@gmail.com; lousecardoso21@gmail.com; anacristinaloureiro1@gmail.

Resumo: Nos últimos anos tem-se verificado mudanças significativas nas configurações familiares, revelando modificações na maneira como pais e filhos se relacionam. A mulher vem assumindo importantes funções na sociedade, transformando o seu papel relativo ao cuidado do lar e dos filhos. Essas mudanças implicam em questionamentos sobre a forma como os pais devem se relacionar com seus filhos e geram interesses de vários pesquisadores sobre a influência das relações parentais no desenvolvimento destes. Buscando elucidar alguns desses questionamentos, foi realizada uma pesquisa, vinculada ao PIBIC, CNPq/UEPB com o objetivo de analisar o olhar das mães de crianças de diferentes idades e contextos sociais sobre as práticas educativas e os estilos parentais mais adotados com os seus filhos. As participantes foram 16 mães de crianças da escola pública e 16 da privada, na cidade de Campina Grande-PB. Para a coleta de dados foram utilizados um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada, os quais foram analisados por meio do SPSS Statistic, versão 22.0 e da técnica de análise de conteúdo de Bardin. Os resultados indicaram que, de acordo com as participantes, o relacionamento, a formação moral e o afeto são os principais aspectos na relação mãe-filho, sendo o diálogo apontado como a principal estratégia nessa relação. Porém, o castigo foi a principal estratégia adotada pelas mães, frente ao controle do comportamento dos filhos, indicando uma dicotomia entre o estilo autoritário e o autoritativo. Não se verificou diferença significativa das respostas das mães, considerando a idade das crianças e os diferentes contextos sociais.

Palavras-chave: relações parentais, práticas educativas, estilos parentais, mães.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem sido observado grande investimento dos estudiosos em pesquisas sobre o tema das relações parentais e entende-se que isso se deve, em parte, as modificações ocorridas na estrutura familiar e na configuração social da contemporaneidade. A maneira como a família é constituída é de extrema relevância para a qualidade das relações parentais, devido ela ser a primeira instituição que usualmente a criança tem contato desde o nascimento e também pela responsabilidade que esta instituição possui em relação à de formação moral, cultural e pessoal do ser humano.

Estudos sobre a história social da família propõem analisar as diversas estruturas e formas de organização desta instituição, desde os tempos remotos até a contemporaneidade. Na Idade Média o modelo familiar era caracterizado pelos grupos de clãs e o casamento era de suma importância, pois através deste, as alianças eram constituídas e referendadas pela estrutura

familiar. Na modernidade, a estrutura capitalista se fundamenta em novos modelos econômicos e sociais, solidificando a estrutura familiar nuclear (composta por pai, mãe e filhos), provocando um declínio das famílias com laços extensos. Na Idade Contemporânea, nas relações de trabalho por intermédio da implantação de novas tecnologias e novos modelos econômicos, produzem modificações na estrutura familiar, sendo reestruturados novos papéis para cada membro (GALANO, 2006; ARIÉS, 1981).

Considera-se que as modificações sociais, econômicas e culturais ocorridas na sociedade parecem afetar diretamente na estrutura familiar. Tal fato provoca questionamentos sobre o papel dos pais no processo de educação de seus filhos. A Constituição Federal Brasileira no seu Art.226, 3º e 4º parágrafos, reconhece o casamento como caracterizador da entidade familiar (BRASIL, 1988). No entanto, ao seguir esse raciocínio, se assume uma posição generalista, já que, na atualidade, existem diversos tipos de constituições familiares, novas concepções de família e de relações afetivas entre pais e filhos, que deixam de ser reconhecidas como famílias perante a lei, por exemplo, as uniões estáveis.

Mesmo que os modelos familiares ainda identifiquem a figura paterna como sendo prioritariamente provedora e referência de autoridade no manejo das práticas educativas com os filhos, verifica-se que, após as transformações econômicas, sociais e sexuais, em meados do século XX, a mulher teve uma maior inserção no mercado de trabalho, assumindo uma dupla função: cuidadora e provedora, forçando assim uma modificação importante nas relações familiares (GOMIDE, 2004 apud GOMIDE, 2009; PRATTA & SANTOS, 2007).

Com o objetivo de analisar o posicionamento e comportamento parental quantos as estratégias educativas, Hoffman (1990) estudou a importância das relações parentais no desenvolvimento socioafetivo da criança. Argumentou que estas se baseiam em relações de poder, principalmente, dos pais sobre os filhos, que tem por hábito utilizar-se de duas formas diferentes de estratégias para alterar comportamentos indesejados: a indutiva e a coercitiva. Na primeira, os pais fazem uso do diálogo buscando modificar, de forma voluntária, o comportamento dos filhos, expondo para eles as consequências de suas atitudes. Já na segunda, aplica-se a disciplina por meio do poder, sem explicações, utilizando-se da prática de castigos e/ou punições.

Seguindo a mesma perspectiva de Hoffman (1990), Toní e Hecaveí (2014) enfatizam a importância das relações parentais afirmando que o desenvolvimento da criança e do adolescente é influenciado por diversos fatores relativos à dimensão biológica, sociológica e cultural, a partir da influência familiar, escolar e

comunitária. Nesse sentido, é importante destacar as práticas educativas como integrantes das relações parentais e norteadoras para o comportamento das crianças e adolescentes.

Os novos contextos familiares tanto no que se refere ao desenvolvimento psicossocial dos filhos quanto às dificuldades nas habilidades maternas de manejar as práticas educativas com seus filhos têm sido consideradas como um desafio e também têm gerado inúmeras discussões. Seguindo tal pressuposto, pesquisadores como Marin e Piccinini (2007) investigaram as eventuais diferenças nos comportamentos e práticas educativas maternas e no comportamento infantil entre famílias de mães solteiras e famílias nucleares. A pesquisa contou com a participação de quatorze famílias, das quais sete eram integradas por mães solteiras (mãe-criança) e sete eram integradas por mães casadas (mãe-pai-criança). Os dados da pesquisa foram obtidos por meio de uma sessão de observação durante a interação familiar, quando as crianças tinham de 30 a 36 meses de idade. Os resultados foram analisados a partir do uso de um protocolo, envolvendo categorias, como: *afeto positivo, práticas facilitadoras e não facilitadoras na interação com seu filho (a)*, dentre outras e o Teste de Mann-Whitney, não se evidenciou diferenças significativas entre as categorias. Infere-se, portanto, que as configurações familiares investigadas não afetam, necessariamente, os comportamentos e as práticas educativas maternas, nem os comportamentos infantis.

Estudos bibliográficos desenvolvidos por Patias, Siqueira e Dias (2012; 2013) sobre pesquisas realizadas no Brasil, em relação aos efeitos das relações parentais desenvolvimento de crianças e adolescentes, evidenciam que as práticas coercitivas, caracterizadas pelo uso do castigo e da punição física, são avaliadas como uma espécie de herança social, assim como consideradas como um recurso educativo natural, sem que se tenha verificado a conscientização para aquisição de novas formas de educar e aplicar práticas mais construtivas e positivas.

Moreira e Biasoli-Alves (2008) realizaram uma pesquisa com 50 mães, sendo 25 do interior de São Paulo e 25 de uma capital do Nordeste, objetivando descrever como estas, com escolaridade de nível superior, originárias de dois contextos de Brasil, orientam os filhos pequenos para a participação efetiva nas atividades da rotina diária. Diante das entrevistas realizadas, os dados indicaram que tanto as mães do interior de São Paulo quanto às da capital nordestina planejam e executam as regras do dia a dia em conjunto com seus filhos, por meio de acordos que envolvem regras referentes à alimentação, contatos sociais, horário para dormir e hábitos de higiene. Tal revelação aponta que as mães podem estar construindo novas posturas quanto à forma de educar seus filhos,

orientando-os para uma maior aquisição de autonomia, além de respeitar seus posicionamentos diante de sua própria educação.

Com o objetivo de analisar o olhar de crianças de 6 a 9 anos, estudantes de escolas fundamentais da rede pública, na cidade de Campina Grande- PB, sobre as relações parentais Loureiro, Targino e Santos (2016), realizaram uma pesquisa, com o apoio do PIBIC, CNPq/UEPB. Os resultados indicaram que as crianças percebem seus pais como autoritários, os quais utilizam, predominantemente, práticas educativas coercitivas, caracterizadas pelo uso de palmadas, espancamentos, pela falta de diálogo, bem como pela imposição e o controle excessivo dos comportamentos dos filhos.

Considerando as contribuições teóricas e empíricas sobre as relações parentais, foram elaboradas as seguintes questões: o que as mães de crianças com diferentes idades e contextos sociais pensam e sentem sobre as práticas educativas adotadas por elas? Quais as práticas educativas e os estilos parentais mais adotadas pelas mães de crianças com diferentes idades e contextos sociais? O que as mães de crianças com diferentes idades e classe sociais julgam ser fundamental nas relações parentais?

Buscando elucidar as questões supracitadas, realizou-se uma pesquisa apoiada pelo Pibic, CNPq/UEPB, com o objetivo de analisar o olhar de mães de crianças de diferentes idades e contextos sociais, sobre as relações parentais, buscando, especificamente, caracterizar os tipos de estilos parentais predominantemente adotados, assim como identificar os modelos de autoridade e as práticas educativas construídos na relação mãe-criança, considerando os aspectos sociais e afetivos. Tais objetivos se justificam também pelos estudos que vêm sendo desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Psicologia, Desenvolvimento e Educação, do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB.

METODOLOGIA

Diante dos objetivos expostos acima, realizou-se um estudo de campo, do tipo descritivo, o qual, segundo Minayo (1994), não se reduz à execução de variáveis, mas considera significados, motivos, crenças e valores, buscando aprofundar o universo das relações dos fenômenos e dos processos sociais.

Para tanto, contou-se com a participação de 32 mães de crianças do nível fundamental I, com idade variando entre 6 a 9 anos, sendo 16 pertencentes de escola pública e 16 de escola privada (4 mães para cada faixa etária). O espaço escolhido para a efetivação do estudo foi a escola, pois este contexto representa um lócus de fácil

acessibilidade às mães. A idade das mães variou entre 24 e 48 anos e a maioria delas, tanto da escola pública, como da privada, possuíam dois filhos. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria da escola privada possuía nível superior completo, enquanto que a maioria das participantes da escola pública possuía o nível médio completo. A renda familiar mensal das mães da escola pública correspondia ao valor de até um salário mínimo, enquanto que a das mães da escola privada encontrava-se acima de dois salários mínimos.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da RESOLUÇÃO 466/2012. Em seguida, foi realizada a coleta dos dados em duas etapas: na primeira aplicou-se de um questionário sociodemográfico e na segunda, realizou-se uma entrevista semiestruturada constando perguntas abertas, referentes aos objetivos da pesquisa, gravadas com duração média de 10 minutos.

Os dados coletados por meio da entrevista foram analisados de forma qualitativa, fundamentando-se no método de análise apresentado por Bardin (2009), orientando-se pelas seguintes etapas: pré-análise, exploração de material, tratamento de resultados, inferências e interpretação das pesquisadoras. Logo após, foi utilizado o software SPSS Statistic, VERSÃO 22.0, para calcular as médias dos dados sociodemográficos e realizar do Teste do Qui Quadrado - X^2 , buscando identificar as possíveis diferenças significativas entre as categorias, elaboradas a partir da análise de conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que um dos objetivos da presente pesquisa foi analisar o olhar das mães diante das relações parentais, a partir de diferentes idades e contextos sociais, após a categorização das respostas, com suas respectivas frequências, utilizou-se o teste do qui-quadrado (X^2) para amostras independentes, buscando identificar as possíveis diferenças significativas entre as mesmas. O referido teste revelou não existir diferenças em relação à idade e à condição social, em contrapartida existiu diferença estatisticamente significativa entre as frequências de respostas às categorias analisadas, considerando-se uma única amostra.

O fato de não serem encontradas diferenças significativas entre as respostas da entrevista, considerando os diferentes contextos sociais e as diversas idades dos filhos, é um resultado que não corrobora os encontrados na pesquisa realizada por Carmo e Alvarenga (2012) junto a 40 mães, sendo 20 de nível

socioeconômico baixo e 20, de nível socioeconômico médio/ alto, que teve por objetivo analisar a relação entre o nível socioeconômico das mães e as práticas educativas para com seus filhos. Esses estudos indicaram que quanto mais baixa é a escolaridade da mãe, maior é a utilização de punição física, sugerindo uma diferença entre práticas educativas e estilos parentais, considerando o nível socioeconômico e a escolaridade dos participantes.

Destaca-se que todas as participantes afirmaram dar orientações para seus filhos e destas, 52,08 % responderam que recebem ajuda do marido ou companheiro nesse processo. Tais dados podem indicar uma mudança de papéis dos progenitores no contexto familiar, já que se verifica uma maior participação paterna na criação dos filhos e o deslocamento funcional da mulher, como principal cuidadora do lar e da prole, embora se observe uma frequência elevada de respostas à categoria “A mãe” (31,25%). Esses resultados coadunam com a análise de Freitas, Silva e Coelho et al (2009), sobre o surgimento de uma nova concepção social relativa à representação da paternidade que, conseqüentemente, pode influenciar na qualidade e mudança nas relações parentais.

Pontua-se que, quando se questionou às mães sobre em quê ou em quem elas se baseavam para dar orientações aos filhos, 41,6% das participantes responderam que se fundamentavam nas orientações recebidas pela mãe e pelas irmãs, confirmando os resultados de estudos realizados por Weber, Selig, Bernardi et al (2006), indicando que as práticas educativas e os estilos parentais também são reflexo de transmissão de valores e condutas, herdadas ao longo da vida e das gerações, reafirmando, assim, a existência de influências intergeracionais no processo de educação e desenvolvimento das futuras gerações

No que se refere à questão sobre o que as mães consideram mais importante na relação entre mãe e filho, elas relataram que o relacionamento, a formação moral e o afeto são fundamentais no processo de estabelecimento de vínculos com seus filhos. A categoria Relacionamento se caracterizou pelo agrupamento de expressões relativas ao companheirismo, à confiança, à amizade e ao diálogo, como ilustra o exemplo que segue: “*O dialogo, né? A questão do diálogo a gente tem conversado muito, que é uma fase, né? (S.30.9)*”. A categoria *Formação moral* (27,10%) caracterizou-se pelo agrupamento de respostas relativas ao respeito, à formação do caráter, à importância de ser um modelo para o filho, à transmissão do conhecimento e à orientação, como ilustra o seguinte exemplo: *O respeito e a confiança, eu acho que a partir daí já tem um dialogo mais sincero, pra saber o certo, né?*. O *Afeto* foi a categoria que apresentou a frequência mais baixa de respostas e correspondeu ao

agrupamento de respostas que se referem ao sentimento do amor, do carinho e ao cuidado oferecido ao filho. Como ilustra as seguintes falas: “*Tudo. Carinho, amor, respeito. Tudo é importante, né?* (S.10.8).

Conforme os resultados obtidos no Teste do X^2 verificou-se uma diferença significativa entre as frequências de respostas às diferentes categorias, como pode ser verificado na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1. Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “O que você acha mais importante na relação com seu filho (a)?”.

CATEGORIAS	f	%
Relacionamento	50	46,73%
Formação moral	29	27,10%
Afeto	28	26,17%
Total	107	100%

$X^2 = (2; N=107); 8,654; p<0,05$

Tais achados podem se relacionar com os estudos Piaget (1977), os quais enfatizam a importância do relacionamento entre pais e filhos, com destaques para o diálogo, o cuidado e o afeto, no processo de formação valores morais da criança. Outros estudos bibliográficos, direcionados para investigar a vinculação mãe- filho ressaltam a importância e a necessidade deste processo para a constituição e desenvolvimento psicológico, social e cultural do sujeito, considerando a transmissão intergeracional e as relações intersubjetivas entre a mãe e seus filhos, como preditoras à saúde dos sujeitos, como elemento central no desenvolvimento psíquico destes (GUTIERREZ, CASTRO e PONTES, 2011).

Buscando identificar os estilos parentais e as práticas educativas utilizadas pelas mães, perguntou-se como elas agem quando seus filhos não fazem o que elas pedem. A análise de conteúdo semântica bardiniana permitiu identificar as seguintes categorias: *Coloca de castigo*, agrupando respostas relativas à privação de algum objeto ou brincadeira que a criança gosta como ilustra o exemplo: “*Eu coloco ele de castigo, deixo ele num cantinho de castigo, não deixo ele brincar com o que ele quer, tomo as coisas dele* (S.4.6); *Dialoga* correspondendo ao grupo de respostas referentes à conversas, explicações e questionamentos, conforme as falas que seguem: “*Eu converso com ele. Converso com ele, procuro saber por que foi, se foi, é, algum mal comportamento...*(S.22.7); *Repreende*,

caracterizando-se por respostas que se referem às práticas de reclamar, brigar, ficar brava, cobrar, repreender, como ilustram as seguintes falas: “*Eu repreendo, sempre tem uma repreensão minha... (S.14.9)*”; *Respostas indefinidas* relativas às respostas que se referem à afirmação de que a mãe costuma fazer algo, mas especifica o quê. Por exemplo: “*Eu tento trazer ele, né? Aos poucos, porque não é fácil, mas, é, assim... (S.15.9)*”. E, finalmente, *Usa a punição física que agrupou* respostas referentes ao uso de estratégias como dar palmadinhas no bumbum, dar tapinha, dar cipuadinha e dar chinelada, como mostra o exemplo: “*Também dou umas palmadinhas no bumbum.*” (S.24.7).

A partir das categorias acima citadas foi elaborada a Tabela 2 e, conforme o teste do χ^2 para uma única amostra houve uma diferença significativa entre as categorias, como se verifica abaixo:

Tabela 2. Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “O que você faz quando seu filho (a) não age como você espera?”.

CATEGORIAS	f	%
Coloca de castigo	44	39,64%
Dialoga	28	25,23%
Repreende	16	14,41%
Respostas indefinidas	13	11,71%
Usa a punição física	10	9,01%
Total	111	100%

$\chi^2 = (4; N=111); 35,171; p<0,05$

Os resultados acima indicam que as mães costumam utilizar predominantemente, práticas educativas coercitivas, conforme a classificação apresentada por Hoffman (1990) e o estilo autoritário, de acordo com a tipologia de estilos parentais apresentada por Baumrind (1966). Tais achados corroboram os resultados dos estudos realizados por Loureiro, Targino e Silva (2017), cujo objetivo era a análise das relações parentais sob o olhar de crianças de 6 a 12 anos, tanto de escolas públicas, quanto de escolas privadas da cidade de Campina Grande-PB. Os resultados indicaram que as crianças percebiam seus pais como figuras autoritárias porque estes utilizavam, predominantemente, práticas educativas coercitivas, caracterizadas pelo uso de palmadas, espancamentos e pela falta de diálogo.

No entanto, quando se questionou às participantes sobre como é feita a orientação aos filhos, foram elencadas as seguintes categorias: *Usa o*

diálogo agrupando respostas relativas ao uso de conversas, orientações, utilização de vídeos, brincadeiras e estimulação do respeito, como ilustra o exemplo: “Assim, quando a gente vê que tem alguma coisa fora do lugar, a gente senta conversa...” (S.18.6); *Controla o comportamento*, remetendo aos comportamentos de chamar atenção, colocar de castigo, estabelecer regras, corrigir o comportamento, como se observa no exemplo: “(...) se ela fizer alguma coisa, a gente corrige que não pode, às vezes bota de castigo...” (S.21.7); *Respostas tautológicas*, correspondendo às respostas que reiteram a orientação ao filho, mas não esclarecem como é feito esse processo, como ilustram as falas a seguir: “Assim, a gente procura orientar ele de acordo com as necessidades que vão surgindo...” (S.17.6).

Na Tabela 3, apresentam-se as frequências de respostas às diferentes categorias descritas acima e, conforme indicou o resultado obtido no teste X², verificou-se uma diferença significativa entre estas frequências:

Tabela 3. Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Como é feita essa orientação?”.

CATEGORIAS	f	%
Usa o diálogo	57	63,33%
Controla o comportamento	21	23,33%
Respostas tautológicas	12	13,33%
Total	90	100%

X² = (2; N=90); 37,800; p<0,05

Com base nos resultados citados acima, infere-se que, a partir das falas das mães sobre o uso do diálogo nas orientações dadas aos filhos, há uma tendência em assumir o estilo autoritativo, conforme a tipologia apresentada por Baumrind (1966). Portanto, considerando os resultados apresentados nas Tabelas 2 e 3, respectivamente, pode-se inferir que, de acordo com o olhar das mães, há uma dicotomia entre os estilos autoritativos e autoritários. No entanto, conforme os resultados apresentados no estudo de Loureiro, Targino e Silva (2017), para as crianças, os pais foram caracteristicamente identificados como autoritários.

CONCLUSÕES

Considerando os objetivos da pesquisa, é possível destacar inicialmente o fato de não terem sido encontradas diferenças significativas entre os diferentes olhares das mães participantes, tomando

como base as idades dos filhos e os diversos contextos sociais.

Destaca-se, também que as mães participantes considerem o relacionamento com os filhos o elemento mais importante na relação parental, usando o diálogo como estratégia mais eficaz nessa relação, caracterizando, assim, o estilo autoritativo. No entanto, verifica-se que, do ponto de vista das práticas educativas utilizadas para o controle dos filhos, predominam as coercitivas, caracterizando o estilo autoritário, pela imposição e ausência de diálogo. Conclui-se, portanto, que nas relações parentais caracterizadas pelas mães participantes, foi possível identificar os estilos autoritativos e autoritários, com o uso de estratégias educativas indutivas e coercitivas, respectivamente.

Tais resultados indicam a necessidade de se repensar valores e práticas educativas utilizadas pelas mães para orientar os filhos, tentando formular novas posturas que favoreçam a participação ativa das crianças em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e cultural, reconhecendo sua capacidade crítica para se posicionar frente ao seu processo educativo e dentro da relação familiar.

Considera-se esta pesquisa de extrema importância, pois abre a possibilidade de contribuir para a reflexão dos pais, dando ênfase a mãe que, mesmo com as transformações dos papéis sociais familiares, ainda continua sendo a principal responsável pelo cuidado e orientação dos filhos. Pontua-se, também, a importância de pedagogos, psicólogos e pesquisadores se interessarem pelo estudo das relações parentais, considerando a importância das relações familiares para o desenvolvimento social e afetivo das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BRASIL. Cap VII. Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso. **Constituição Federativa do Brasil**. Ementa: Nº 65,2010. Art: 226, parágrafos 3º e 4º, 1988.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUMRIND, D. **Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior**. Child Development, nº37, v4, 1966. Disponível em:
http://arowe.pbworks.com/f/baumrind_1966_parenting.pdf.

CARMO, P. H. B do; ALVARENGA, P. Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis

socioeconômicos. **Estudos de Psicologia**, maio agosto/ 2012; v.17, n. 2, 2012.

FREITAS, W. de M. F; SILVA, A. T. M. C. da; COELHO, E. de A. C et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev Saúde Pública**, 43(1), 85-90, 2009.

GALANO, M. H. **Família e História: a história da família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GOMIDE, P. I.C. A influência da profissão no estilo parental materno percebido pelos filhos. **Estudos de Psicologia**, Campinas 26(1), 25-34 janeiro – março, 2009.

GUTIERREZ, D. M.D; CASTRO, E. H,B. de; PONTES, K.D da S. Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **REVISTA DO NUFEN** - ano 03, v. 01, n.02, agosto-dezembro, 2011.

HOFFMAN, M. L. The Contribution of empathy to justice and moral judgement. In W.M. Kurtines, 7 J. L. Gewirtz (Eds.) **Handbook of Moral Behavior and Development**. v.1, New Jersey: LEA, 1990.

LOUREIRO, A. C. R; TARGINO, M. L; SANTOS, D. P. B. de P. **Relações Parentais Sob o Olhar das Crianças: uma análise das práticas educativas**. Pesquisa de PIBIC. Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- PB, 2016.

LOUREIRO, A. C. R; TARGINO, M.L; SILVA, L. M. da. **Análise das relações parentais sob o olhar das crianças**. Pesquisa de PIBIC. Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- PB, 2017.

MINAYO, C de S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método, criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MARIN, A. H; PICCININI, C. A. Comportamentos e práticas educativas maternas em famílias de mães solteiras e famílias nucleares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 13-22, jan./abr. 2007.

MOREIRA, L. V de C; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Práticas educativas: a participação da mãe e da criança na determinação das atividades da rotina diária. **Rev Bras Crescimento Desenvol Hum**. 18(1): 53-65, 2008.

PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

PRATTA, E. M. M; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, v. 12, nº 2, Maringá: maio/agosto 2007.

PATIAS, N D; SIQUEIRA, A. C; DIAS, A. C. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, vol.38, n.4, 2012.

PATIAS, N. D; SIQUEIRA. A. C; DIAS, A. Os Direitos da Criança e do Adolescente na Percepção de Adolescentes dos contextos urbanos e rural. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 2, 2013.

TONI, C. G. de S; HECAVEÍ, V. A. Relações entre práticas educativas parentais e rendimento acadêmico em crianças. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 511-521, set./dez. 2014.

WEBER, L. N. D; SELIG, G. A; BERNARDI, M. G. et al. Continuidade dos estilos parentais através das gerações –Transmissão intergeracional de estilos parentais. **Paidéia**, 407-414, 16(35), 2006.